

Abôrto: Drama de Uma Jovem

Condensado de POTOMAC

VIVIAN YUDKIN

DON DEU-LHE os 500 dólares em notas novas de 20 e o telefone da mulher.

—De quanto tempo você está grávida?—perguntou a voz ríspida do telefone.

—Quanto tempo? Êle não deve ser maior que a unha do polegar. Dois meses—disse ela.

—Traga o dinheiro—disse a voz. —Dinheiro, não cheque. E espere na porta do Hotel “X” às oito da noite de quinta-feira. Use um vestido côr-de-rosa. Você me reconhecerá pela rosa vermelha da minha lapela.

Isto aconteceu em julho, um julho típico de Washington. Tudo estava úmido e rançoso. Não havia ar para respirar. Devia esperar de vestido côr-de-rosa? Isso tornava a coisa verdadeiramente melodramática e maligna.

Quinta-feira, dissera a voz. Assim, na quinta, ela teria de atravessar, sòzinha, êsse vale solitário. Como se metera naquela encrenca? Um

A AUTORA é redatora assistente do *Post* de Washington. É casada e mãe de quatro filhos. O episódio que descreve foi-lhe contado num hospital de Washington, pela môça que o vivera 48 horas antes. No momento a môça tinha febre, mas estava recebendo assistência médica necessária.

“êro”, como diria sua mãe. Falta de experiêcia, evidentemente. Hoje nenhuma solteira êngravida mais. Não há mais peças de teatro, filmes e histórias sôbre o homem que “fêz mal à môça”.

Encontrou o vestido côr-de-rosa. Ela não tinha querido tornar a usá-lo. Guardava-o como lembrança de algo especial.

A voz—aquela que ajudava as môças—encontrou-se com ela à porta do hotel, usando uma rosa muito vermelha na lapela de seu luxuoso costume de sêda azul-marinho. Ti-

nha os cabelos da côr de fumo molhado, e penteados para cima.

—Boa noite. É a Sr.^{ta} Rose?

Dê um nome falso, dissera-lhe Don. Nunca se sabe . . .

—Dentro de alguns minutos passará um carro, Sr.^{ta} Rose. Um carro prêto comprido. Haverá outras môças sentadas atrás, e o chofer usa um cravo branco. Está com o dinheiro? Guarde-o bem. Ser-lhe-á solicitado quando chegar lá.

A mulher partiu. Que tarefa! Parece que percorre tôda a cidade de Washington. Em frente de cada hotel alguém espera, suor escorrendo entre as espáduas. A cidade inteira cheirava a gasolina e suor, e nada se movia. Quando tudo acabasse, iria para um lugar fresco.

Lá estava o grande carro prêto. Sentiu tal alívio que se precipitou para êle, quase gritando olá!

Sentou-se atrás, no carro, juntamente com outras cinco—môças, mulheres feitas, de várias idades—e, vendo seus rostos à luz da rua, sentiu o falso alívio abandoná-la. Ia silenciosa e quieta; ninguém disse uma palavra. Tôdas as Senhoritas Roses vestiam roupas de verão, tôdas de côres claras—azul, amarelo, lilás, verde. Um ramo de flôres amarradas, partindo para um belo passeio noturno.

A solidão veio de repente. Não que ela estivesse assustada, cansada, irritada, envergonhada ou agressiva. Não, era solidão; e sabia, pelo silêncio, que tôdas a sentiam—essa espécie de solidão que as pessoas sentem

quando se vêem entregues a si mesmas, realmente entregues a si mesmas.

—Para onde vamos?—sussurrou alguém.

O chofer disse, sem se voltar:

—Vendem os olhos com isto.

E passou-lhes um punhado de vendas negras por cima do encôsto.

—Vamos. É para seu próprio bem. Por via das dúvidas.

Ela amarrou a sua firmemente em tôrno da cabeça, e fechou os olhos na escuridão.

Agora estavam longe da cidade, no campo. As janelas foram descidas, o ar quente inundou o carro, e ela sentiu o cheiro de madressilva. Deviam estar chegando; concluiu isso pelo modo como o chofer se mexia no assento.

O carro diminuiu a marcha. Parou. Foram tôdas jogadas para a frente. O chofer disse:

—Podem tirar as vendas, meninas.

Meninas! Ela tinha as palmas das mãos suadas; sentia um formigueiro de nervosismo na barriga. Já sem as vendas, piscando, saíram do carro para uma larga entrada de automóveis. O chão era de cascalho. A casa era grande, quatro andares, pelo menos, e estava tôda iluminada como para uma festa. E não havia luz de qualquer outra casa à vista.

Subiram a escada pintada de branco. O chofer abriu a porta. Uma mulher estava à espera. A luz do candelabro mostrou carreiras e mais carreiras de cachos platinados, um vasto e permanente sorriso e dois

pesados braços que se estenderam para elas em boas-vindas.

—Oh, olá, pessoal! Está quente, não? Vão entrando!

Então a porta foi fechada, e o sorriso caiu no chão.

Logo à sua frente, e por todo o canto, ela viu escadas subindo em caracol para outras partes da enorme casa, e quarto após quarto de portas pintadas de branco e fechadas. Entrar num aposento à esquerda do vestíbulo foi como penetrar nas *Mil e Uma Noites*. Um tapête oriental, um grande piano prêto, poltronas de veludo amarelo, um divã azul-turquesa.

—Fiquem à vontade, meninas.

Até êsse momento elas haviam ficado juntas como num cacho; sem falar, mas muito juntas. Naquela sala, elas se espalharam em leque, jogaram-se nas poltronas amarelas, correram às portas fechadas do terraço, soltando exclamações de entusiasmo ao verem a fonte lá fora. Uma môça deitou-se no divã sem tirar os sapatos.

A mulher distribuiu pílulas. Ninguém sabia para quê, e não lhes foi explicado. Contra a dor, provavelmente. Não haveriam de deixá-las sentir dor depois de terem gasto tanto dinheiro.

Havia seis môças no aposento, e a porta se abriu então para mais seis. Já eram 12. Doze vêzes 500 dólares!

Ela sentiu sua bôca aguar; um mal-estar inundou-lhe o corpo. Mal-estar esquisito; um gôsto esquisito na bôca. Enjôo de gravidez. De re-

pente, inclinou-se para a frente e vomitou sôbre o tapête oriental.

—Vamos, controle-se, meu bem— disse a mulher de cachos platinados. —Ruby, apanhe algo para limpar esta sujeira, sim? Venha, venha, meu bem. Vamos fazer uma limpeza e prepará-la para começar.

Foi tomada pelo braço e levada para o banheiro; lavaram-na com uma esponja lilás, secaram-na com uma toalha da mesma côr e borrifaram-na com água-de-colônia.

—Nervosa? Bem, isso é natural, embora não haja motivo. Temos o melhor dos médicos. Êle faz isto há mais de 15 anos. Trouxe o dinheiro?

Ela retirou da carteira os 500 dólares de Don, tudo em notas novinhas de 20 dólares. A mulher contou o dinheiro muito devagar, baixinho; quatrocentos e sessenta, quatrocentos e oitenta, quinhentos. Das paredes vinha uma vaga música.

Tirou a roupa e vestiu a camisola de hospital côr de pêssego. A mulher amarrou-a ao pescoço como se fôsse para fazer-lhe o cabelo, depois levou-a para outro quarto no fundo do corredor. Transpôs a porta e encontrou-se num quarto de hospital, desguarnecido e ofuscantemente branco.

Uma enfermeira de máscara inclinava-se sôbre uma mesa de instrumentos. Havia uma mesa obstétrica, alta como uma montanha.

—Suba—disse a enfermeira, com um riso na voz.—Vamos, queridinha. Acalme-se. Pronto. Tudo em ordem?

Havia um quê de desdenhoso nos seus grandes olhos azuis e no toque de seus dedos, destros no trabalho. Algo que dizia: Tôla, como pode ser tão tôla?

—Bem, agora não faça qualquer barulho—disse Olhos Azuis.—Segure a minha mão com tôda a fôrça que quiser, mas não grite nem nada. O melhor é ficar falando o que lhe vier à cabeça e desviar a atenção da coisa. A pílula que tomou é para diminuir a dor. De qualquer maneira, não sentirá muito.

Apareceu o médico. Acima da máscara, olhos de um cinza de gêlo, claros como lagos.

—Olá, olá.

Deu uma risadinha de velho, de quem se diverte. Colocou as alavancas, inclinou-se para a frente, gemendo. Manejou o corpo dela como um padeiro moldando a massa, rápido, seguro, destro, com absoluto contrôle.

—Enfermeira, empurre êsse balde mais para cá.

Oh! Como aquilo a fêz sentir-se mal! Aquêle ruído, e o som de seu sangue escorrendo no balde! O barulho era o pior. Enchia todo o ar, tôda a vastidão do mundo. “Deixe-me em paz, saia de junto de mim”, quis gritar. Ela envervou as costas e a enfermeira abaixou-a desaprovadamente com a mão.

—Isso não dói, meu bem—disse ela rispídamente.—Eu lhe disse que pensasse em outra coisa.

—Fique *quieta*—ordenou o médico.—Pronto.

Ela ficou imóvel, com as pálpebras pesadas. O silêncio tinha nos seus ouvidos.

A enfermeira estava ocupada com ela. Ajudou-a a descer da mesa e conduziu-a para outra sala, e estava pronta para a próxima, alegre como um passarinho.

—Duas pílulas contra infecção agora e uma de meia em meia hora. Descanse dois dias, e dentro de duas semanas você estará dançando outra vez, como se nada tivesse acontecido.

Certo. Fórmula única de despedida. Aposto que dizia aquilo a tôdas as môças.

O quarto em que ela estava agora tinha bonitas caminhas, cobertores rosa e azuis, babados de organdi em volta das penteadeiras, abajures com laços de cetim. Tôdas as camas estavam ocupadas e a criada servia xícaras de café descafeinado, caldo de carne e chá numa pesada bandeja de prata.

—Creme e açúcar?—perguntou a criada gentilmente.

Devia haver outro médico na casa. Êste grupo de mulheres era outro, rostos afogueados, tôdas conversando, rindo.

—Eu teria o meu, mas a mãe dêle não quis. Não parava de dizer: “Êle tem apenas 17 anos.” Ela deu-me o dinheiro. . . .

—Estou contente por ter terminado. . . .

—Eu estava tão assustada. Bobagem estar tão assustada. Meu Deus, como eu estava assustada. . . .

Depois soluçavam, algumas delas, no meio de uma frase, ou com a xícara junto dos lábios. De repente, o rosto transtornava-se, os olhos se enchiam de lágrimas, afundavam o rosto no bonito travesseiro e choravam sem pejo.

Ela vestiu suas roupas, vagarosamente, saiu para o vestíbulo e daí para o carro, onde o chofer esperava.

—Adeus, meninas—disse Cachos Platinados.—Foi um prazer tê-las aqui. Foi uma visita agradável.

A encenaçõzinha à porta para o

caso de passar alguém. Nunca se sabia; era preciso cuidado.

As vendas outra vez. As môças prostradas no banco traseiro do carro. Êle as desembarcou outra vez, em um hotel após outro. Quase meia-noite. Havia decorrido pouco menos de quatro horas.

Ela ficou na calçada, olhando a gente que passava de volta a casa. Devia telefonar a Don, informá-lo. Mas êle provavelmente estava dormindo. E não tinha muita importância que êle soubesse ou não.



EU ESTAVA encontrando grandes dificuldades para dirigir nas estradas desconhecidas do Havaí, e não entendia os regulamentos locais. Parecia-me que os havaianos estavam quase sempre na preferencial às minhas custas. Expliquei meu problema à minha vizinha, que me disse qual era a solução dela.

—Pare sempre e faça sinal à outra pessoa para passar—aconselhou ela.—Invariavelmente, ela parará e mandará que *você* passe primeiro. A única coisa que os havaianos não podem tolerar é que alguém seja mais cortês do que êles.

—P. W. W.



Alta Finança

COMUNICAÇÃO em *Sunset By-Lines*, publicação do Pôsto 165 da Legião Americana: “Devido aos custos cada vez mais elevados de impressão e remessa, impostos e inflação, esta publicação lhe é enviada duas vezes mais grátis do que dantes.”

E HOUVE o norte-americano que telegrafou ao seu deputado recomendando-lhe que votasse a favor de uma redução de impôsto, e agora descobre que o telegrama lhe custou mais do que a sua redução.

—Jack Herbert